



Petisco:

Alguns trechos do livro

"Ele se aproxima, tímido, da mulher, já de tranqüilos olhos abertos, e teme que ela espere dele alguma efusão sentimental ou amorosa, o que sempre o desajeita, defensivo. Sempre teve alguma ponta de dificuldade para lidar com o afeto. Ele prefere a suavidade do humor ao ridículo do amor, mas disso não sabe ainda, pernas muito fracas para o peso da alma"

"Assim, em um átimo de segundo, em meio a maior vertigem de sua existência, a rigor a única que ele não teve tempo (e durante a vida inteira não terá) de domesticar numa representação literária, aprendeu a intensidade da expressão 'para sempre' - a idéia de que algumas coisas são de fato irremediáveis e o sentimento absoluto, mas óbvio de que o tempo não tem retorno, algo que ele sempre se recusava a aceitar"

"E a alma despencava no vazio: as palavras dão em árvores, é só estender a mão, elas estão todas prontas, mas ele era absurdamente incapaz de achar uma só que lhe servisse"

"Três estranhos em silêncio. Não há o que abraçar"

"Como se sente escritor, vive equilibrado no próprio salvo-conduto, o alibi de sua arte ainda imaginária, o eterno observador de si mesmo e dos outros. Alguém que vê, não alguém que vive"

"O fracasso é coisa nossa, os pássaros sem asas que guardamos em gaiolas metafísicas, para de algum modo reconhecermos nossa medida"

"Para manter a alegria, entretanto, é preciso desenvolver algumas técnicas de ocultação da realidade, ou morreríamos todos"

"Ele jamais fará companhia ao meu mundo, o pai sabe, sentindo súbita a extensão do abismo, o mesmo de todo dia (e, talvez, o mesmo de todos os pais e de todos os filhos, o pai contemporânea) - e, no entanto, o menino continua largando-se no pescoço dele todas as manhãs, para o mesmo abraço sem pontas"

"A literatura sempre tem um componente de perigo, ou não fará sentido"

O escritor Cristovão Tezza, autor de "O Filho Eterno" (considerado um dos grandes livros de 2008), comenta sobre o romance baseado na experiência pessoal de ter um filho com síndrome de down

Juliana Simonetti

Foi quando tinha 28 anos, e se sentia "alguém provisório, talvez; alguém que ainda não começou a viver", que Cristovão Tezza foi surpreendido pela "maior vertigem de sua existência": um filho com síndrome de down.

Passados mais de 20 anos, o

escritor percebeu que estava, finalmente, pronto para fazer com que o tema virasse literatura. Para não cair "no sentimentalismo fácil, na pieguice", Tezza optou por escrever em terceira pessoa e fez com que o pai do Felipe virasse um personagem literário que, aliás, se tornou muito benquisto pela crítica (arrebato grandes prêmios literários como o Jabuti, na categoria melhor ro-

mance; Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, como melhor obra de ficção; Prêmio Bravo!, como Livro do Ano, e primeiro lugar no Prêmio Portugal-Telecom de Literatura em Língua Portuguesa) e pelo público: foram mais de 15 mil exemplares vendidos, uma ótima marca para os padrões brasileiros.

Tezza conta que pretende, em breve, voltar-se a um novo romance já começado e que não pôde mais continuar desde o sucesso de "O Filho Eterno", que vem exigindo todo o seu tempo. E foi aproveitando a fase em que Tezza se dedica às repercussões da publicação, que o **MAIS CRUZEIRO** aproveitou a oportunidade para a entrevista. Solicito, Tezza respondeu o e-mail em menos de um dia. Confira:

Quando o pai de Felipe sentiu que estava preparado para escrever "O Filho Eterno"? Aliás, como o Felipe reagiu ao livro? Ele acompanhou a produção? E a repercussão?

Mais de vinte anos depois de o Felipe nascer. Foi acontecendo naturalmente: a idéia surgiu, ganhou corpo e finalmente texto. Fiquei indeciso entre o depoimento e a ficção até decidir pela ficção, e então o livro deslançou. O Felipe não tem a abstração da leitura e nem consegue perceber a extensão do romance. Ele sabe apenas que o livro é sobre ele, o que lhe deixa muito feliz. Cada vez que vê uma foto do pai dele ou do livro nos jornais e revistas ele faz uma festa - mas não tem condições de compreender do que se trata. É claro que se ele fosse capaz de ler e dominasse o pensa-

mento abstrato de forma mais complexa eu teria escrito um romance completamente diferente.

Durante os relatos de "O Filho Eterno" você fala muito sobre a sensação de ter 28 anos, de "quem ainda não começou a viver". Fala também de suas frustrações como escritor na época ("A poesia arrasta-o sem piedade para o kitsch, puxando-o pelos cabelos"). E hoje, aos 56 anos, Cristovão Tezza já começou a viver? E como se sente em relação aos seus escritos?

Essa é uma pergunta difícil. Viver não é uma "tarefa", mas a gente vive como se fosse, o que é engraçado. Acho que venho vivendo intensamente cada um dos momentos da minha já longa existência, mas talvez isso seja apenas uma percepção "a posteriori". Para sintetizar, eu diria que tenho uma relação boa comigo mesmo. Sobre meus livros, gosto deles, a partir de "Ensaio da Paixão", escrito em 1980. Antes disso, minha obra era muito imatura.

Em determinado trecho de seu livro, você fala que o nascimento de Felipe teria sido a maior vertigem de sua existência, "a rigor a única que ele não teve tempo (e durante a vida inteira não terá) de domesticar numa representação literária". Após terminar o livro, qual foi sua sensação em relação a isso?

Tenho a sensação de que cheguei perto de uma boa representação literária, mas isso é apenas uma frase de efeito. Na verdade, a literatura não é um "retrato" de nada, mas em si uma experiência, uma ação sobre a vida, uma viagem. Fiz essa viagem radical entre um pai e um filho, pela via

da ficção, tomando como referência minha própria vida - mas o livro é sempre outra coisa.

Depois de publicado, você já releu o livro? Como é ver sua vida virar literatura e ser observada por diversos leitores desconhecidos? Aliás, como é a reação de seu público ao escritor e ao personagem Cristovão Tezza?

Sinto uma certa dificuldade para reler meus livros logo depois de publicados. Às vezes abro ao acaso, releio aqui e ali, tentando encontrar no texto um outro autor, e fecho em seguida. O livro ainda está quente na minha alma. Tenho de esperar ele esfriar para reler com atenção. No caso específico de "O Filho Eterno" fiquei com medo da exposição pública, quando percebi o que tinha escrito e o quanto o romance era pessoal. Há quem veja no livro apenas uma biografia, mas a grande maioria dos leitores - pelo menos dos que comentam comigo - entram no livro pela via da ficção. O bom leitor sabe separar as coisas.

Você acredita que escrever um romance com traços autobiográficos poderia ser perigoso? Quais as principais dificuldades que teve que driblar?

Escritores não podem ter medo de seus temas. A literatura sempre tem um componente de perigo, ou não fará sentido. A maior dificuldade que enfrentei foi o medo de minhas limitações técnicas diante do tema, que é cheio de armadilhas. Eu poderia cair no sentimentalismo fácil, na pieguice, no discurso já congelado a respeito de crianças especiais. O que me ajudou bastante foi a escolha do ponto de vista - escrever em terceira pessoa me deu uma completa liberdade.

O sucesso de crítica do livro "O Filho Eterno" alavancou a venda de outros livros de sua autoria? Você poderia informar quantos exemplares "O Filho Eterno" já vendeu?

Não tenho os dados exatos ainda, mas já deu para sentir que todos os meus livros anteriores estão reaparecendo em função do sucesso de "O Filho Eterno", que, imagino, que já deva estar beirando os 15 mil exemplares ven-

didos. Para os padrões brasileiros, é muito. E, é claro, como sou otimista espero que não pare por aí...

Em diversos momentos do livro você compara as passagens de sua vida a uma cena de cartum, como se sua vida fosse um pequeno teatro íntimo. Nesse sentido, o pai do Felipe é mais um personagem de Cristovão Tezza? Como acontece isso?

Sim, nenhuma dúvida - o pai do Felipe é um personagem literário, alguém que se encerra naquelas 220 páginas, que aparece ao leitor por uma seleção de cenas, fatos e reflexões cuidadosamente montados pelo narrador do livro. Ele tem uma unidade que eu não tenho. Um romance dá um sentido e um acabamento - começo, meio e fim - que não existe na vida real. A vida real é um evento aberto e perpetuamente inacabado.

Durante o livro, num raciocínio talvez mais "cliché", o leitor parece esperar o momento em que enfim o personagem partilhará sua aflição com a esposa. Isso não acontece. Como a mãe de Felipe reagiu a idéia de você publicar esse livro?

Do ponto de vista do romance, a solidão do personagem se completa também pela "ausência" da mulher - em outras palavras, a escolha narrativa de se concentrar apenas no pai exacerbava o sentimento de solidão que o livro evoca. Nesse sentido, foi uma opção literária.

O que rende literatura para Cristovão Tezza? Tem algum projeto em mente?

Nunca escrevi meus livros pensando em renda - pelo menos nesse sentido, sou um autêntico filho dos anos 70. Mas é muito bom saber, a essa altura da vida, que a literatura pode me dar mesmo o ganha-pão. É o que espero... De projeto principal, tenho um novo romance começado que parou na página 30 e que não pude mais continuar desde que o sucesso de "O Filho Eterno" vem exigindo todo o meu tempo. Minha esperança é que eu consiga me organizar daqui para a frente de modo a reservar um bom tempo para a literatura.

Cristovão Tezza em linhas gerais

Cristovão Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, em 1952. Em junho de 1959, morreu seu pai; dois anos depois, a família se mudou para Curitiba, Paraná.

Em 1968, passou a integrar o Centro Capela de Artes Populares, dirigido por W. Rio Apa, com quem trabalhará até 1977. Ainda em 1968, participa da primeira peça de Denise Stoklos, e no ano seguinte de duas montagens do grupo XPTO, dirigido por Ari Pára-Raio, sempre em Curitiba.

Em 1974, foi a Portugal estudar Letras na Universidade de Coimbra, matriculado pelo Convênio Luso-Brasileiro, mas como a universidade estava fechada pela Revolução dos Cravos, passou um ano perambulando pela Europa.

Em 1984, mudando-se para Florianópolis, trabalha como professor de Língua Portuguesa da UFSC. Voltou a Curitiba em 1986, agora dando aulas na UFPR, onde leciona até hoje.

Em 1988, publicou "Trapo" (Brasiliense), livro que tornou seu nome conhecido nacional-

mente. Nos dez anos seguintes, publicou os romances "Aventuras provisórias" (Prêmio Petróbrás de Literatura), "Juliano Pavolini", "A suavidade do vento", "O fantasma da infância" e "Uma noite em Curitiba". Em 1998, seu romance "Breve espaço entre cor e sombra" (Rocco) foi contemplado com o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional (melhor romance do ano); e "O fotógrafo" (Rocco), publicado em 2004, recebeu no ano seguinte o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor romance do ano e o Prêmio Bravo! de melhor obra.

Sua tese de doutorado (USP), "Entre a prosa e a poesia - Bakhtin e o formalismo russo", foi publicada em 2002 (Rocco). Também na área acadêmica, Cristovão Tezza escreveu dois livros didáticos em parceria com o lingüista Carlos Alberto Faraco ("Prática de Texto" e "Oficina de Texto", editora Vozes), e nos últimos anos tem publicado eventualmente resenhas e textos críticos no jornal Folha de S.Paulo.

Nova Linha de produtos

Hi Wall Carrier

Hi Wall Diamond



EXPERTISE EM AR CONDICIONADO

A Casa Carrier inova mais uma vez e apresenta a nova linha de Split Hi - Wall Carrier, unindo economia, conforto e elegância em um só produto.

Hi Wall Carrier



Hi Wall Diamond

QUALY CLIMA

Ligue grátis e solicite uma visita

0800-7221772

Av. Barão de Tatui, 1578 Vergueiro - Sorocaba/SP Fone: (15) 3331-7700